
Inter-relação entre diferentes estilos de dança e a sexualidades humana

*Marcela Almeida Zequinão,
Priscilla Geraldine Wittikopf,
Pâmella de Medeiros,
Allana Alexandre Cardoso,
Fernando Luiz Cardoso*

Resumo

Neste artigo propomos a análise da inter-relação entre a prática de diferentes estilos de dança e a sexualidade humana. Primamos por um grande número de participantes assegurando a representatividade nos estilos: hip-hop, balé clássico, contemporâneo, dança de salão, axé, jazz e dança do ventre. Para conferir confiança e eximir respostas tendenciosas provenientes de vergonha e tabus, utilizamos um questionário em autorelato com intuito de investigar a pré-disposição sexual, o comportamento sexual e a orientação sexual. Observamos que homens praticantes de contemporâneo e de clássico se percebem mais femininos e mais homossexuais do que os demais, enquanto as mulheres praticantes de hip-hop são mais conservadoras sexualmente em relação às de dança do ventre. Em suma, conclui-se neste estudo, que há relação entre o estilo de dança praticado e a sexualidade de homens e mulheres.

PALABRAS CHAVE: Dança; Sexualidade; Corporeidade; Identidade de Gênero

Inter-relationship between different styles of dance and human sexuality

Marcela Almeida Zequinão, Priscilla Geraldine Wittikopf, Pâmella de Medeiros, Allana Alexandre Cardoso, Fernando Luiz Cardoso

Abstract

The aim of the study was to analyze the inter-relationship between the practice of different dance styles and human sexuality. A large sample ensured the representativeness of the following styles: hip-hop, classical ballet, contemporaneous, ballroom dancing, axé, jazz and belly dancing. To give confidence and relieve biased responses, we used a questionnaire in order to investigate sexual predisposition, sexual behavior and sexual orientation. We observed that men practicing classical ballet and contemporaneous perceive themselves more feminine and more homosexuals than others, while women practitioners of hip-hop are more sexually conservative than those who practice belly dance. To sum up, this study shows that there is a relationship between the dance style practiced and the sexuality of men and women.

Key words: Dance; Sexuality; Embodiment; Gender Identity.

La interrelación entre diferentes estilos de baile y la sexualidad humana

Marcela Almeida Zequinão, Priscilla Geraldine Wittikopf, Pâmella de Medeiros, Allana Alexandre Cardoso, Fernando Luiz Cardoso

Resumen

En este artículo proponemos un análisis de la interacción entre la práctica de diferentes estilos de danza y de sexualidad humana. Nos destacamos por un gran número de participantes, lo que garantiza la representación de estilos, tales como hip-hop, ballet clásico, contemporáneo, bailes de salón, hacha, jazz y danza del vientre. Para dar confianza y eximir respuestas sesgadas por la vergüenza y los tabúes, se utilizó un cuestionario con autorelato con el fin de investigar la sexualidad a nivel de predisposición, comportamiento y orientación; con esto pudimos observar que hay una tendencia en los hombres que practican la danza contemporánea y ballet clásico, hacia la homosexualidad y en algunos casos con comportamientos más femeninos; mientras que las mujeres que practican hip-hop son más conservadoras sexualmente en comparación con aquellas que practican la danza del vientre. En resumen, se concluye en este estudio que existe una relación entre el estilo de la danza que se practica y de la sexualidad de hombres y mujeres.

Palabras-Clave: Danza; Sexualidad; Corporeidad; Identidad de género.

Introdução

As atividades esportivas e bailadas têm grandes influências dos tradicionais estereótipos de masculinidade e feminilidade que organizam a sociedade (Koivula, 2001). A maioria dos esportes conhecidos geralmente é percebida como masculino, mas esportes com características eminentemente femininas também existem e, geralmente, estão mais próximos das artes e estética. Apesar de semelhanças com práticas desportivas, a dança incorpora, também, caráter artístico e expressivo (Volp, Deutsch & Schwartz, 1995). Alguns esportes como a ginástica rítmica, a artística e o nado sincronizado, por exemplo, poderiam estar situadas nessa fronteira (Pires & Toledo, 2006). De certo modo, os bailarinos dão a mesma importância à performance física típica dos esportes, mas não abrem mão da plasticidade e da comunicação com o público. Similarmente aos esportes, a dança possui grande diversidade de modalidades ou estilos, variando dos mais populares aos mais eruditos (Hanna, 1999).

Estudos sobre a identidade geral e corporeidade de atletas e dançarinos são relativamente comuns na literatura internacional (Aalten, 2007; J. Taylor & C. Taylor, 1995; Langdon & Petracca, 2010; Dyck & Archetti, 2003; Jones, Glimtmeier & McKenzie, 2005), sendo que alguns deles abordam a identidade de sexo/gênero (Hills, 2006; Kamberidou, Tsopani, Dallas, & Patsantaras, 2009; Cardoso, Silveira, Zequinão, Martins, & Souza, 2010; Neves, 2013). Contudo, raros são os estudos que abordam a sexualidade (Hanna, 1999).

Estes raros artigos sobre a sexualidade de atletas/dançarinos concentram-se em abordagens descritivas e simbólicas sem referência ao comportamento sexual especificamente. Sugere-se que se tenha mais atenção para a necessidade de produzirmos mais evidências sobre o comportamento sexual dos praticantes de dança (Hanna, 1999). Bailey e Oberschneider (1997) produziram o único estudo na literatura que mostra identidade de gênero mais feminina e orientação homossexual para a maioria dos bailarinos de clássico nos Estados Unidos da América. Os autores não condicionam à orientação de gênero a orientação sexual, mas tal situação acontece dentre os praticantes de dança clássica.

Nacionalmente, Cardoso, Silveira, Sacomori, Sperandio, & Beltrame, (2011), analisaram aspectos da corporeidade e sexualidade em dançarinos de hip-hop e axé comparativamente a indivíduos não-dançarinos expectadores da plateia. Foi observado que os dançarinos de axé apresentaram sexualidade mais vinculada ao conhecimento corporal e conexões afetivas, foram sexualmente mais satisfeitos, com mais preliminares sexuais e masturbação em relação aos dançarinos de hip-hop e à platéia. Em ambos os estilos, os dançarinos homens davam maior ênfase à genitália e a libido em relação aos aspectos da afetividade.

Nesse sentido, existem muitas especulações sobre similaridades e diferenças na identidade de dançarinos em relação à população não praticante: Existiriam limitadores sociais relacionadas aos tradicionais estereótipos de gênero em termos de acessibilidade a estas práticas? A identidade de sexo/gênero poderia influenciar na escolha de um estilo de dança?

Uma delas trata-se desse artigo que estudou a sexualidade de uma população de dançarinos oriunda de uma grande diversidade cultural e social, bem como, sexual e de gênero distribuídos em diferentes estilos de dança. O objetivo do presente estudo foi analisar a inter-relação entre a escolha pela prática de determinado estilo de dança e a sexualidade de homens e mulheres.

Métodos

Foram incluídos no estudo 336 dançarinos de ambos os sexos, maiores de 18 anos de idade (homens $\bar{x} = 24,84$, $dp = 9,08$ anos, mulheres $\bar{x} = 25,31$, $dp = 8,23$ anos), dos seguintes estilos de dança: *hip-hop*, clássico, contemporâneo, dança de salão e axé para homens, e para as mulheres incluiu-se, também, o *jazz* e a dança do ventre.

Os participantes que demonstraram interesse em participar receberam o questionário para responder em anonimato e o termo de consentimento livre e esclarecido, o qual foi assinado e guardado separadamente aos questionários respondidos. A primeira parte do questionário avaliou as características sócio antropométricas dos participantes, contendo informações sobre idade (anos), altura (m), peso (kg), idade da primeira relação sexual (anos), número de posse de itens e estado civil. Além disso, foram coletadas informações quanto a identidade de gênero representada em um escala de 0 (muito masculino) a 6 (muito feminino) e orientação sexual representada em um escala de 0 (heterossexual) a 6 (homossexual). Duas outras perguntas completaram esta primeira investigação, as quais avaliam como os participantes se consideram em termos sexuais e religiosos representados em uma escala de 0 (conservador) a 6 (liberal)

Com o intuito de investigar um grande número de praticantes de dança assegurando a representatividade em todos os estilos e - sobretudo - sabendo da dificuldade em obter informações fiáveis a respeito da sexualidade humana, utilizou-se uma auto avaliação por meio de três escalas do Questionário de Identidade Corporal (QIC). Avaliou-se a pré-disposição sexual (referente a pré-disposição para o ato sexual), o comportamento sexual (o que se faz no sexo) e a orientação sexual (preferências sexuais por homens e mulheres ou situações). A medida é feita por meio de Escala Likert composta por seis níveis sendo 0 referente a pouco e 6 muito.

Para análise dos dados utilizou-se o Post hoc de Duncan para verificar quais grupos se diferenciaram e o Teste *One-way* (ANOVA) para comparar os diferentes estilos de dança quanto à pré-disposição, comportamento e orientação sexual.

Resultados

Diferenças importantes foram encontradas entre homens e mulheres praticantes de dança em múltiplos aspectos relacionados ao perfil sócio demográfico. Os homens formam um grupo mais heterogêneo que as mulheres na maioria dos descritores. Em relação à orientação sexual, isto é, a preferência sexual, percebe-se que embora as médias de homens e mulheres estejam dentro dos valores considerados heterossexuais, no grupo dos homens o valor está superior ao das mulheres, o que indica que na amostra pesquisada existe maior heterogeneidade, no que tange orientação sexual entre os homens. (Tabela 1).

Ao analisar os resultados entre as praticantes dos diferentes estilos de dança, perceberam-se diferenças significativas quanto ao perfil sócio demográfico. Em relação à idade das participantes houve grande diferença entre as praticantes, sendo as dançarinas de *hip-hop* as mais jovens e as de dança do ventre as mais velhas. Ambos os grupos foram os que apresentaram maiores diferenças em todos os aspectos, por exemplo, a idade do início da vida sexual, sendo as praticantes de *hip-hop* as que iniciaram mais cedo, e as praticantes de dança do ventre as que iniciaram mais tarde. Em contrapartida, noutros aspectos, as praticantes de dança

do ventre se mostram mais liberais, enquanto as praticantes de *hip-hop* se mostraram mais conservadoras. Em relação aos homens, os mais jovens foram os praticantes de *hip-hop* e os mais velhos os praticantes de dança de salão. Em questão de identidade de gênero, os dançarinos de contemporâneo mostraram-se mais andrógenos em relação aos praticantes das outras modalidades, que se consideram mais masculinos. Entretanto, quando falamos de orientação sexual, os praticantes de balé e contemporâneo apresentaram maior tendência à bissexualidade, em relação aos outros estilos que apresentaram tendência mais heterossexual (Tabela 1 e 2).

Tabela 1. Características sócio demográficas de mulheres praticantes de diversos estilos de dança

Variáveis	MULHERES							F	p
	Hip Hop	Axé	Dança de Salão	Contemporâneo	Jazz	Balé	Dança do Ventre		
	X (dp)	X (dp)	X (dp)	X (dp)	X (dp)	X (dp)	X (dp)		
Idade (anos)	19,07 (3,4) ^a	23,50 (4,7) ^{a,b}	25,16 (8,2) ^{ab}	27,30 (9,1) ^{a,b}	25,15 (7,6) ^{a,b}	24,61 (7,1) _{a,b}	31,40 (9,8) ^b	7,43	.001
1ª relação sexual (anos)	16,60 (1,5) ^a	16,54 (1,4) ^{a,b}	17,35 (1,9) ^{ab}	16,43 (1,9) ^{a,b}	16,92 (2,2) ^{a,b}	17,90 (3,2) _{a,b}	18,38 (6,8) ^b	3,18	.005
Gênero	5,30 (,79)	5,55 (,81)	5,39 (,71)	5,12 (1,0)	5,20 (1,2)	4,93 (1,0)	5,59 (,74)	1,99	.068
Orientação Sexual	,07 (,25) ^a	,48 (,57) ^a	,29 (,07) ^a	1,13 (1,4) ^b	,10 (,30) ^a	,43 (,97) ^a	,65 (1,2) ^a	5,09	.001
Como se considera em termos sexuais	2,57 (1,4) ^a	3,17 (1,2) ^{a,b}	2,97 (1,2) ^{ab}	3,44 (1,2) ^{a,b}	3,30 (1,2) ^{a,b}	3,33 (1,3) _{a,b}	3,82 (1,2) ^b	2,97	.008

a,b: indicam o grupo em que houve a diferença no teste estatístico; $\chi(dp)$: média (desvio padrão); F: ANOVA; $p < 0,05$.

Tabela 2. Características sócio demográficas de homens praticantes de diversos estilos de dança

Variáveis	HOMENS					F	p
	Hip Hop	Axé	Dança de Salão	Contemporâneo	Balé		
	X (dp)	X (dp)	X (dp)	X (dp)	X (dp)		
Idade (anos)	21,23 (3,8) ^a	23,95 (4,5) ^{a,b}	29,20 (13,6) ^b	24,07 (24,0) ^{a,b}	24,07 (7,1) ^{a,b}	2,89	.025
1ª relação sexual (anos)	15,24 (2,1)	15,71 (2,2)	16,86 (3,4)	15,59 (15,59)	15,53 (2,1)	.99	.415
Gênero	,86 (1,4) ^a	,55 (,60) ^a	,83 (,84) ^a	2,00 (2,0) ^b	1,19 (,75) ^a	6,93	.001
Orientação Sexual	,64 (1,6) ^a	,65 (1,3) ^a	,30 (,53) ^a	2,21 (2,2) ^b	2,81 (2,5) ^b	8,93	.001
Como se considera em termos sexuais	3,14 (1,5)	3,12 (1,1)	3,40 (1,4)	3,17 (3,1)	2,81 (1,6)	.42	.792

a,b: indicam o grupo em que houve a diferença no teste estatístico; χ (dp): média (desvio padrão); F: ANOVA; $p < 0,05$.

Em relação à pré-disposição sexual das mulheres, constatou-se que as praticantes de dança do ventre se interessam mais por sexo (dança do ventre $4,1 \pm 1,1$; hip-hop $3,1 \pm 1,2$; $p = 0,011$) e se sentem mais facilmente excitáveis em comparação as mulheres do *hip-hop* (dança do ventre $4,1 \pm 1,1$; hip-hop $2,7 \pm 1,3$; $p = 0,003$). Em contrapartida as do *hip-hop* e do balé tem menos controle no sexo em relação às mulheres do axé (*hip-hop* $3,1 \pm 1,6$; balé $3,2 \pm 1,5$; axé $4,4 \pm 1,5$; $p = 0,015$). As dançarinas de dança do ventre em geral apresentaram maior predisposição sexual, enquanto as do *hip-hop* apresentaram uma menor predisposição sexual.

Em relação aos homens, os dançarinos do contemporâneo sentem-se frequentemente menos prontos para o sexo quando comparados com os dançarinos de outros estilos (contemporâneo $3,5 \pm 1,6$; hip-hop $4,9 \pm 1,5$; balé $4,9 \pm 1,3$; axé $4,8 \pm 0,9$; dança de salão $5,1 \pm 0,9$; $p = 0,001$) e tendem há ter um menor interesse por sexo do que os demais (contemporâneo $3,9 \pm 1,5$; hip-hop $4,9 \pm 1,5$; balé $4,7 \pm 1,2$; axé $4,9 \pm 1,5$; dança de salão $5,3 \pm 0,9$; $p = 0,004$). Além disso, os homens do contemporâneo têm menos facilidade de se excitar em relação aos de dança de salão (contemporâneo $3,9 \pm 1,3$; dança de salão $5,1 \pm 1,2$; $p = 0,032$) e de terem ereção em relação aos praticantes de axé (contemporâneo $3,6 \pm 1,7$; axé $5,2 \pm 1,1$; $p = 0,006$).

Ao analisar o comportamento sexual, percebe-se que as mulheres que praticam dança do ventre possuem vida sexual mais ativa com parceiro fixo do que as de dança de salão (dança do ventre $4,5 \pm 1,8$; dança de salão $3,1 \pm 2,3$; $p = 0,047$). As participantes do axé seguidas pelas de dança do ventre fazem mais sexo anal em comparação as mulheres dos outros estilos (axé $1,4 \pm 2,2$; dança do ventre $1,1 \pm 1,5$; contemporâneo $0,73 \pm 1,2$; balé

0,73±1,5; jazz 0,52±1,2; dança de salão 0,37±0,8; hip-hop 0,28±0,8; $p = 0,030$). As bailarinas do axé são as que menos dominam o parceiro no ato sexual em relação às demais (axé 1,3±1,6; dança de salão 2,4±1,4; hip-hop 2,6±1,6; contemporâneo 2,7±1,5; jazz 2,7±1,6; balé 2,8±1,5; dança do ventre 3,0±1,4; $p = 0,001$). As bailarinas de balé, dança do ventre e axé são as que mais fazem sexo com homens em relação as de dança salão e *hip-hop* (balé 5,2±1,2; dança do ventre 5,0±1,5; axé 5,0±1,6; dança de salão 3,9±2,5; hip-hop 3,5±2,4; $p = 0,011$).

No que diz respeito aos homens em relação ao comportamento sexual, observou-se que os praticantes das modalidades de balé e contemporâneo praticam mais sexo com homens (balé 2,7±2,8; contemporâneo 2,6±2,6; axé 0,50±1,4; hip-hop 0,50±1,5; dança de salão 0,40±0,9; $p = 0,001$), recebem mais penetração anal (balé 1,4±1,9; contemporâneo 1,2±1,9; hip-hop 0,4±1,3; axé 0,0±0,0; dança de salão 0,0±0,0; $p = 0,001$), fazem menos sexo vaginal (balé 2,3±2,9; contemporâneo 2,3±2,6; hip-hop 4,0±2,5; dança de salão 5,0±1,5; axé 5,5±1,2; $p = 0,001$), e são mais dominados no sexo em relação aos participantes de outras danças analisadas (contemporâneo 3,2±1,2; balé 2,7±2,0; dança de salão 2,4±1,3; hip-hop 2,2±1,7; axé 1,6±1,9; $p = 0,018$). Por meio da avaliação da orientação sexual das mulheres, percebeu-se que as do *hip-hop* gostam menos de sexo com penetração vaginal do que as da dança do ventre, ficando as demais praticantes em uma situação intermediária. Já as bailarinas do balé, do *jazz*, do contemporâneo, da dança de salão e da dança do ventre relataram ter preferência por fazer sexo com um parceiro fixo em comparação as mulheres do *hip-hop*.

As praticantes de dança do ventre seguidas pelas do *jazz* gostam mais de assistir filmes eróticos que as mulheres dos outros estilos de dança, e gostam mais de sexo com romance comparado com as do *hip-hop*, ficando os demais estilos em uma posição intermediária. Além disso, as mulheres do contemporâneo gostam mais de sexo no primeiro encontro em relação às praticantes de *hip-hop* e balé, como preferem mais relações sexuais com mulheres do que outros estilos de dança (Tabela 3).

Em relação aos homens, os dançarinos de axé gostam mais de sexo que os homens do contemporâneo, ficando as outras modalidades em uma posição intermediária. Os dançarinos de contemporâneo e os de balé gostam menos de sexo com penetração vaginal e sexo com mulheres do que os dançarinos dos outros estilos. Os dançarinos da dança de salão e *hip-hop* gostam mais de dominar no ato sexual do que os de axé (Tabela 4).

Tabela 3. orientação sexual de mulheres praticantes de diferentes estilos de dança

Variáveis	MULHERES							F	p
	Hip Hop	Axé	Dança de Salão	Contemporâneo	Jazz	Balé	Dança do Ventre		
	X (dp)	X (dp)	X (dp)	X (dp)	X (dp)	X (dp)	X (dp)		
Gosta de penetração vaginal	3,6 (2,3) ^a	5,0 (1,5) ^{a,b}	4,6 (2,1) ^{a,b}	4,4 (1,9) ^{a,b}	5,0 (1,4) _{a,b}	5,2 (.0) ^{a,b}	5,3 (.9) ^b	3,88	0,001
Prefere sexo com parceiro fixo	4,4 (2,1) ^a	5,1 (1,2) ^b	5,3 (1,5) ^b	5,2 (1,6) ^b	5,5 (.9) ^b	5,4 (1,4) ^b	5,7 (.6) ^b	2,57	0,020
Gosta de assistir filme erótico	1,3 (1,9) ^a	1,5 (2,0) ^a	1,9 (1,8) ^a	1,4 (1,5) ^a	2,3 (2,0) ^b	1,4 (1,6) ^a	3,0 (2,1) ^b	3,36	0,004
Gosta de sexo com romance	4,0 (2,1) ^a	4,7 (1,4) ^{a,b}	4,8 (1,5) ^{a,b}	4,3 (2,0) ^{a,b}	5,1 (1,3) ^b	5,2 (1,0) _{a,b}	5,4 (1,0) ^b	4,65	0,001
Gosta de sexo no primeiro encontro	.40 (.90) ^a	1,2 (1,7) ^{a,b}	.70 (1,4) ^{a,b}	1,4 (1,8) ^b	.60 (1,2) _{a,b}	.60 (.90) ^a	1,4 (1,5) ^{a,b}	2,67	0,016
Gosta de sexo com mulheres	0 (0) ^a	.43 (1,2) ^a	.12 (.43) ^a	1,2 (2,1) ^b	.03 (.20) ^a	.13 (.60) ^a	.52 (1,2) ^a	4,57	0,001

a,b: indicam o grupo em que houve a diferença no teste estatístico; χ (dp): média (desvio padrão); F: ANOVA; $p < 0,05$.

Tabela 4. Orientação sexual de homens praticantes de diferentes estilos de dança

Variáveis	HOMENS					F	p
	Contempo- râneo	Hip Hop	Balé	Axé	Dança de Salão		
	$\bar{X}$ (dp)	$\bar{X}$ (dp)	$\bar{X}$ (dp)	$\bar{X}$ (dp)	$\bar{X}$ (dp)		
Gosta de sexo	4,4 (1,7) ^a	5,4 (1,0) ^{a,b}	4,7 (1,3) ^{a,b}	5,6 (,70) ^b	5,4 (1,2) ^{a,b}	4,50	0,002
Gosta de penetração vaginal	2,8 (2,7) ^a	4,6 (2,3) ^b	2,7 (2,7) ^a	5,0 (1,9) ^b	5,2 (1,3) ^b	7,30	0,001
Gosta de sexo com mulheres	3,6 (2,7) ^a	5,4 (1,7) ^b	2,9 (2,8) ^a	5,2 (1,9) ^b	5,8 (,60) ^b	7,88	0,001
Gosta de dominar no sexo	3,0 (1,4) ^{a,b}	4,4 (1,4) ^a	3,4 (1,55) ^{a,b}	2,2 (2,5) ^b	4,2 (1,1) ^a	7,20	0,001

a,b: indicam o grupo em que houve a diferença no teste estatístico; $\chi(dp)$: média (desvio padrão); F: ANOVA; $p < 0,05$.

Discussão

As mulheres apareceram como praticantes predominantes neste estudo, pois algumas modalidades ainda são menos procuradas ou até mesmo inexistentes para os homens, como por exemplo, o *jazz* e a dança do ventre. Stinson (1998) acredita que muitas lições de gênero ligadas à feminilidade são frequentemente aprendidas na dança, tais como ser silencioso/a, obediente, gracioso/a e belo/a, treinamento este que reforça as expectativas da sociedade em relação às mulheres. Sugere-se que esse seja um dos motivos que justifique um menor número de homens, em relação às mulheres nesse ambiente como um todo.

Os conceitos sociológicos estigmatizados na sociedade, por vezes vagos e difusos, ferem igualmente a suscetibilidade de muitos homens sensíveis ou homossexuais. Alguns deles enfrentam esse tabu, procurando no ambiente da dança um espaço mais confortável e receptivo para receber a diversidade. Segundo Strong, Singh e Randall (2000) observou-se que em alguns estilos existe maior tendência a ter praticantes com orientações bissexuais ou homossexuais do que em outros. Este fato também foi encontrado em nosso estudo, principalmente entre os homens, em que os dançarinos de contemporâneo e clássico apresentaram maior diversidade de orientações sexuais. O clássico apesar de enfatizar o romantismo em sua expressão, não valoriza a sexualidade e a sensualidade, mas sim, belos estereótipos de papéis sociais de gênero (Santos, 2009), já a dança contemporânea tem maior capacidade de abstrair esses modelos em sua expressão dançada.

Os praticantes de contemporâneo nesse estudo foram os que se perceberam mais andrógenos em relação ao gênero, aproximando-se do estereótipo feminino. As diferenças de gênero e orientação sexual entre os praticantes de contemporâneo e de clássico em relação aos outros estilos de dança, já foi observado nos Estados Unidos da América por Bailey e Oberschneider (1997) e acaba se confirmando no Brasil.

No que tange a sexualidade, quando analisadas as diferenças entre os estilos de dança praticados por mulheres, percebem-se algumas disparidades entre as praticantes de *hip-hop* e de dança do ventre, sendo essas as mais conservadoras e as mais liberais em termos sexuais, respectivamente. Abrão e Pedrão (2005) realizaram um estudo com sete mulheres solteiras e cinco mulheres casadas, com faixa etária entre 16 e 40 anos, praticantes de dança do ventre, no qual concluiu que a prática deste ritmo auxilia na melhora do relacionamento com as pessoas de uma forma geral, principalmente, com seu parceiro. A prática desse estilo proporciona um despertar para a sensualidade, permitindo que a mulher relaxe, desprenda-se de si mesma e, posteriormente, transmita isso aos seus relacionamentos interpessoais e do cotidiano, além de buscar melhor qualidade de vida (Abrão, 1999; Abrão & Pedrão, 2005), bem como, confiança, autoestima, entre outros benefícios. Outro fator de grande relevância em nosso estudo é o fato das praticantes dessa modalidade serem as mais velhas, tendendo, assim, a um maior envolvimento sexual com seus parceiros.

No entanto, as praticantes de *hip-hop* consideraram-se mais conservadoras em relação aos aspectos sexuais, apesar de muitos estudos terem colocado o *hip-hop* como um movimento cultural de transgressão aos paradigmas impostos pela sociedade, o que propiciaria a princípio, maior liberdade aos praticantes estendendo-se, também, para o campo da sexualidade (Alves, 2007; Fleury, 2007; Reckziegel & Stigger, 2005; Alves & Dias, 2004).

Apesar disso, Santos (2009) corrobora com o perfil conservador quando diz que a sexualidade apresentada nas coreografias de *hip-hop* coloca o homem em uma posição de superioridade em relação às mulheres, pois muitos dançarinos deste estilo acreditam que fazer dança é um risco em torno da sexualidade. Este fato confirma o estudo de Herschmann (2000), em que as mulheres exercem um papel assimétrico e secundário no *hip-hop*, além de vivenciarem situações de exclusões nesse estilo de dança, na qual a plasticidade física e as roupas utilizadas no dançar são análogas às dos homens. Isto contribui para que as mesmas tenham um perfil mais conservador, mantendo o estereótipo feminino assimétrico e socialmente mais aceito.

Com relação aos homens praticantes de axé, estes relataram gostar mais de sexo e foram os que menos praticavam dominação no ato sexual. Isto pode ser justificado pelo fato de que apesar da sensualidade estar presente neste estilo de dança, quando comparada às outras modalidades, a sexualidade do dançarino de axé mostra-se mais fluída e dispersa corporalmente, valorizando aspectos mais afetivos no ato sexual do que posições de dominância (Cardoso *et al.*, 2011).

Considerações Finais

Conclui-se que neste estudo, há uma relação entre o estilo de dança e a sexualidade, em que as praticantes de hip hop e de dança do ventre mostraram-se mais conservadoras e liberais respectivamente, bem como, os praticantes de contemporâneo e de clássico foram os mais andrógenos, aproximando-se do estereótipo feminino, quando comparado com os homens dos outros estilos.

A dança de certa forma, acomoda distintas orientações sexuais e de gênero, traz aprendizados que podem levar a transformações, reafirmações e a busca por concepções e princípios, é algo que proporciona prazer e satisfação, possibilitando a livre expressão corporal e a expansão saudável da sexualidade humana.

Percebe-se a necessidade de estimular a produção de estudos para testar os resultados provenientes da experiência prática de quem ensina e de quem a pratica. Apesar dos achados, o presente estudo encontrou algumas limitações das quais, pode-se citar a amostra não representativa, bem como a dificuldade de classificar os dançarinos em diferentes níveis técnicos, impedindo análises mais detalhadas. Ressalta-se também o fato do instrumento ser autoavaliativo, o que pode ter levado os participantes a omitirem determinadas questões. Sugere-se para novos estudos, que estas situações sejam controladas, assim como o fator faixa etária.

Referências

- Aalten, A. (2007). Listening to the dancer's body. *Sociological Review*, 55(1), 109-125.
- Abrão, A. C. P., & Pedrão, L. J. (2005). A contribuição da dança do ventre para a educação corporal, saúde física e mental de mulheres que freqüentam uma academia de ginástica e dança. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 13(2), 243-248.
- Abrão, A. C. P. (1999). A visão que os enfermeiros licenciados têm sobre a música e dança como recurso educativo no curso de licenciatura em enfermagem. Monografia, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, São Paulo.
- Alves, F. S. (2007). A dança break: uma análise dos fatores componentes do esforço no duplo movimento de ver e sentir. *Motriz*, 13(1), 24-32.
- Alves, F. S., & Dias, R. (2004). A dança break: corpos e sentidos em movimento no hip-hop. *Motriz*, 10(1), 1-8.
- Bailey, J. M., & Oberschneider, M. (1997). Sexual Orientation and Professional Dance. *Archives of Sexual Behavior*, 26(4), 433-444.
- Cardoso, F. L., Silveira, R. A., Zequinão, M. A., Martins, C., & Souza, C. A. (2010). Auto-percepção corporal e preferências motoras de praticantes de dança. *Movimento (UFRGS. Impresso)*, 16, 75-80.
- Cardoso, F. L., Silveira, R. A., Sacomori, C., Sperandio, F. F., & Beltrame, T. S. (2011). Corporeidade e sexualidade em dançarinos de rua: axé e hip-hop. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25, 12-18.
- Dyck, N.; & Archetti, E. (2003). *Sport, Dance, and Embodied Identities*. New York: Berg editorial Offices.

Fleury, M. M. N. (2007). Dança de rua: jovens entre projetos de lazer e trabalho. *Última Década*, 27, 27-48.

Hanna, J. L. (1999). *Dança, Sexo e Gênero: signos de identidade, dominação e desejo*. Rio de Janeiro: Rocco.

Herschmann, M. (2000). *O funk e hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Hills, L. (2006). Playing the field(s): an exploration of change, conformity and conflict in girls' understandings of gendered physicality in physical education. *Gender and Education*, 18(5), 539-556.

Jones, R., Glinzmeyer, N., & McKenzie, A. (2005). Slim bodies, eating disorders and the coach-athlete relationship: A Tale of Identity Creation and Disruption. *International Review for the Sociology of Sport*, 40(3), 377-391.

Kamberidou, I., Tsopani, D., Dallas, G., & Patsantaras, N. (2009). A Question of Identity and Equality in Sports: Men's Participation in Men's Rhythmic Gymnastics. *NEBULA: a Journal of Multidisciplinary Scholarship*. 6(4), 220-237. Koivula, N. (2001). Perceived characteristics of sports categorized as gender-neutral, feminine and masculine. *Journal of Sport Behavior*, 24(4), 377-393.

Langdon, S., & Petracca G. (2010). Tiny dancer: Body image and dancer identity in female modern dancers. *Body Image*, 7(4), 360-363.

Neves, J. C. L. (2013). Bailarinas e bailarinos: uma etnografia da dança como profissão. *Cadernos Pagu*, 41, 201-238.

Pires, F. R., & Toledo, E. (2006). A relação entre o ballet e a ginástica artística: Análise da semelhança de alguns de seus movimentos. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 20(5), 441-446.

Reckziegel, A. C. de C., & Stigger, M. P. (2005) Dança de rua: opção pela dignidade e compromisso social. *Movimento*, 11(2), 59-73.

Santos, É. C. dos. (2009). Um Jeito Masculino de Dançar, Pensando a produção das MASCULINIDADES de dançarinos de HIP-HOP. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

Stinson, S. (1998). Reflexões sobre a dança e os meninos. *Revista Pro-Posições*, 9(2), 55-61.

Strong, S., Singh, D., & Randall, P. (2000). Childhood gender nonconformity and body dissatisfaction in gay and heterosexual men. *Sex Roles*, 43(7-8), 427-439.

Volp, C. M., Deutsch, S., & Schwartz, G. (1995). Porque dançar? Um estudo comparativo. *Motriz*, 1(1), 52-58.